

# Golpe militar:

Brasil - Conjuntura Nacional  
Por que não?

ESP, 11/6/87

MAURO CHAVES P. 2

Porque a forte aspiração de nossa sociedade de se libertar do estigma que pesa sobre os povos desta infeliz Latinoamérica — o de sempre acabar sucumbindo a tutelas militares e/ou ditaduras caudillescas — não poderá, desta vez, ser de novo enterrada, só por causa de um governo desmesuradamente negligente, imprevidente, incompetente, confuso e corrupto; porque apesar dos dados econômico em que nos fizemos mergulhar, gerado por um insidioso estelionato eleitoral — aquele que ludibriou os eleitores com a vigarice do "congelamento permanente" parou logo em seguida à retumbante vitória, antes de terminada a apuração das urnas, deserter a gelada (descongelada) punhalada — não será por isso que haveremos de desistir da tão sonhada democracia; porque apesar de estarmos assistindo, como nunca antes em toda a nossa História, ao despencamento geral dos padrões de moralidade da administração pública, em todos os níveis — e da vida política —, apesar do empreguismo, do clientelismo eleitoral, das mordomias, do desperdício de dinheiro dos contribuintes, ser agora praticado com a maior desfaçatez, sem quaisquer disfarces, neste imenso balcão de negócios escusos em que se transformou o espaço público/político brasileiro, onde um ano a mais de mandato presidencial é comprado abertamente com cargos e verbas federais ofertadas aos governos estaduais, nem por isso a sociedade brasileira já chegou ao ponto de desacreditar, por completo, da possibilidade de o poder civil comandar os seus destinos, tal como ocorreu e ocorre em tantas nações do mundo, que apenas desta forma (democrática) têm alcançado estágios avançados de desenvolvimento econômico, social, político e de civilização; porque apesar dos acidentes de percurso — e o governo que aí está não é um desastrado acidente de percurso? — a institucionalização democrática é um processo continuado, não um momento histó-

rico isolado, é um longo caminho a ser percorrido, não uma delimitada clareira a ser atingida; porque jamais deixará de ser válido o velho truismo: só se chega à democracia praticando democracia, com eleições para todos os níveis transformadas em mera rotina e não mais em históricos acontecimentos; porque só se chega à democracia com o julgamento continuado dos homens públicos nas urnas, com escolhas eleitorais boas, regulares ou péssimas — tanto faz, pois todas servirão ao processo de depuração da vida pública, dos partidos políticos e das formas de gerenciamento da administração; porque ainda há esperanças de se conter os sonhos megalomaniacos do tipo ferrovia Mamar (aquela que vai do Mato ao Maranhão), Sidermar (Siderúrgica do Maranhão), asfaltamento da Transamazônica e outras faraônicas irresponsáveis que nos custarão em conjunto muitos bilhões de dólares, enquanto continuamos encalacrados com uma dívida externa monstruosa, impagável, cada vez mais inegociável, a comprometer já o produto do trabalho dos nossos bisnetos; porque ainda há esperanças de que, apesar de todo o esforço concentrado — com verbas, cargos e transações mil — na compra do quinto ano de mandato presidencial, a Assembleia Nacional Constituinte, pela maioria de seus membros, poderá resistir e afirmar sua soberania, deliberando sobre o que é de sua exclusiva competência — o mandato presidencial —, convocando eleições presidenciais diretas para logo após a promulgação da nova Carta Magna; porque ainda há a possibilidade de referida decisão da Constituinte reverter o quadro de desânimo pleno, geral e irrestrito, de descrença profunda, de desconfiança monumental, de indignação caçada, de revolta contida, de desesperança abissal, que configura o estado de ânimo atual da sociedade brasileira, em todas as suas classes sociais, grupos, contingentes regionais e setores de atividade econômica; porque ainda

há a possibilidade de surgir algum alento decorrente de alguma expectativa de mudança capaz de nos tirar da hiperinflação e da hiperrecessão — mudança que só ocorrerá quando for encurtado o tempo de duração deste hiperdesastrado governo; porque não deverão prevalecer os propósitos dos eternos conspiradores, dos golpistas sistemáticos, daqueles que julgam ser "alternativa" de salvação nacional uma tulela imposta pelas armas — esquecendo-se de que o enorme despreparo que hoje demonstra a classe política brasileira não deixa de ser uma triste seqüela de mais de duas décadas de autoritarismo, de servilismo ao sistema militar, que impossibilitou o aparecimento de novas e autênticas lideranças no cenário político de nosso país; porque tais eternos conspiradores, que sempre estão a insular setores das Forças Armadas, ceivando ambições pessoais de poder, desta vez não conseguirão facilmente convencer os chefes militares a quebrar a normalidade institucional, pois as Armas do Brasil hoje estão empenhadas, mais do que nunca, no projeto de democracia de nossa sociedade — não pretendendo, assim, que continuemos com aquele estigma das republiquetas latino-americanas, civilmente ingovernáveis; porque tudo indica que o próximo general ou militar de outra patente que o País vier a ter, eventualmente, como presidente da República, será por meio de eleições livres e diretas — uma vez que poderão eles concorrer ao posto pelos partidos instituídos, como quaisquer outros candidatos civis; porque com todas as dificuldades, sofrimentos, decepções por que está passando, na maior crise econômica de sua História, a sociedade brasileira não aceitará em hipótese alguma o retrocesso político-institucional, a perda de sua autonomia, a usurpação do direito de conduzir, bem ou mal, seu próprio destino; porque não perdemos ainda a esperança de que chegue um belo dia, após muitas urnas, governos, erros e acertos, em que a grande maioria da classe política e dos homens públicos deste país tome, finalmente, vergonha na cara, e busque o prazer maior de servir à coisa pública, e não o menor de servir-se dela, que encare a administração como o lugar da realização e não o da locupletação; porque não perdemos ainda a esperança de que despontem,

mesmo dentro deste quadro melancólico, pobre, mesquinho, repleto de ambições pessoais e imediatistas, algumas verdadeiras lideranças políticas, capazes de puxar uma corrente positiva, tanto em direção às necessárias transformações sócio-econômicas, no caminho do desenvolvimento e da justiça social, quanto em direção ao aperfeiçoamento político-institucional, no caminho da plena democracia; porque apesar de muitos dos decompassos crônicos, originados de nossa própria formação histórica, somos um povo bom e generoso, proprietário de uma base territorial tão imensa quanto rica — e por isso não podemos nos conformar com uma posição de permanente inferioridade, perante tantos povos do mundo que chegaram ao desenvolvimento e à civilização pela via do regime democrático.

Eis porque achamos que não haverá mais golpes militares no Brasil.

P.S.: Acabamos de ler o Cãndido — ou o Otimista, de Voltaire.